

O “SEGUNDO DIA D” DA GUERRA DO PARAGUAI*

O desembarque nas barrancas de Santo Antônio

*A Marinha Imperial na Guerra do Paraguai
não foi só Riachuelo.*

LUIZ EDMUNDO **BRÍGIDO** BITTENCOURT
Vice-Almirante (Ref^o)

SUMÁRIO

Antecedentes
A concentração de Palmas
Os esclarecimentos do Exército e da Marinha Imperial
A estrada brasileira no Chaco
Mais esclarecimentos do Exército e da Marinha Imperial
O desembarque nas barrancas de Santo Antônio
O reaprovisionamento do Exército após Itororó
O reaprovisionamento do Exército após Avaí

ANTECEDENTES

Por já algum tempo, os gaúchos do Rio Grande do Sul engordavam o seu gado nas melhores pastagens mais ao sul, agora terras uruguaias.

Berro, presidente uruguaio eleito em **1860**, proibiu a escravidão no país e não

isentou os brasileiros de impostos, o que “alterava as regras” e contrariava frontalmente seus interesses. Estes, então, apresentaram pedido de providências ao governo central brasileiro.

O governo imperial, provavelmente temendo um novo movimento separatista no sul, atendeu à solicitação e enviou, em **abril**

* N.A.: Este artigo é parte de um trabalho maior sobre as ações bélicas de toda a guerra, ressaltando a participação da Marinha Imperial naqueles longos anos de beligerância.

Este trabalho tem o propósito de dar à oficialidade naval uma visão geral daquela guerra de uma maneira fácil de ser lida. O trabalho baseia-se na magnífica obra História da Guerra entre a Tríplice

de 1864, um representante especial a Montevideu, o conselheiro deputado José Antônio Saraiva, que apresentou ao governo uruguaio um protesto. É a conhecida Misão Saraiva.

Nesse meio-tempo, Berro deixou o governo. Assumiu o seu sucessor legal, Atanásio Aguirre, presidente do Partido Blanco, considerado por muitos um homem violento.

Não sendo atendido, Saraiva, a **4 de agosto de 1864**, reforçou o seu protesto com um ultimato e com a presença de navios de guerra brasileiros em Montevideu e tropas prontas na fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai.

A **25 de agosto**, o governo uruguaio apresentou cópia do ultimato ao governo do Paraguai, seu aliado. A **30**, o governo paraguaio enviou nota ao brasileiro: “O governo do Paraguai deplora profundamente que o de V. Exa. haja oportuno afastar-se da política de moderação... o governo da República do Paraguai considera qualquer ocupação do território oriental uruguaio por forças imperiais... como atentatória do equilíbrio dos estados do Prata, que interessa à República do Paraguai como garantia de sua segurança, paz e prosperidade e que protesta da maneira mais solene contra tal ato, desonerando-se desde já de toda responsabilidade pelas consequências da presente declaração”.¹

Em **outubro de 1864**, tropas brasileiras invadiram o Uruguai em apoio aos interesses dos fazendeiros brasileiros e a Flores (que disputava a Presidência da República

com Aguirre e era simpático às pretensões dos brasileiros).

Francisco Solano López, “presidente perpétuo” do Paraguai, cumprindo a sua palavra, constante da nota do dia 30, a partir de **dezembro de 1864** movimentou-se em socorro ao Uruguai: invadiu o Brasil e a Argentina. Para o norte, conquistou o sul de Mato Grosso até Corumbá, que caiu em **4 de janeiro de 1865**, sem oposição (os paraguaios abandonaram a área conquistada em junho de 1868 por ordem de López); para sudeste, conquistou as terras brasileiras da margem esquerda do Rio Uruguai até Uruguaiana, que caiu, abandonada, a **5 de agosto de 1865**; para sudoeste, conquistou território argentino até Goya, a 180 km ao sul de Corrientes, aonde chegou em fins de **maio de 1865**.

Em **1º de maio de 1865**, foi assinado o Tratado da Tríplice Aliança (Argentina-Brasil-Uruguai) para tirar López do poder, pois os aliados fizeram questão de afirmar que a guerra era contra López e não contra o Paraguai.

Em **11 de junho de 1865**, foi travada a Batalha Naval do Riachuelo, quando o Paraguai perdeu praticamente toda a sua Marinha e passou a ficar isolado do mundo.

Em **18 de setembro de 1865**, Uruguaiana foi libertada por tropas aliadas.

Em **fins de 1865**, as tropas aliadas chegaram à área de Corrientes-Corales. Cumprindo ordem de López, os paraguaios voltaram a seu território abandonando as terras conquistadas (exceto as de Mato Grosso). O último paraguaio atravessou o Rio

Aliança e o Paraguai, publicada em cinco volumes com mais de 1.870 páginas de texto (além de mapas, desenhos, estatísticas, gráficos e fotos), de autoria do General-de-Divisão Augusto Tasso Fragoso, editada em 1934 pela Imprensa do Estado-Maior do Exército. O trabalho inclui inúmeras outras informações contidas na bibliografia. O autor preferiu não fazer paráfrases e abusar das transcrições para obter mais autenticidade nos relatos.

A publicação do trabalho visa também motivar os mais jovens a empreenderem novas pesquisas para divulgar esta belíssima página da história da Marinha, pois a sua participação não se resumiu à Batalha Naval do Riachuelo.



Paraná na **noite de 2 para 3 de novembro de 1865**.

Seguiu-se a preparação para a invasão do território paraguaio com levantamentos hidrográficos da margem ocupada pelo inimigo, bombardeios de fortificações e ocupação da ilha que receberia o nome de seu conquistador – Tenente-Coronel Cabrita –, eventos descritos nos artigos “A guerra das chatas” (a ser publicado na RMB) e “A Henrique Martins na defesa da Ilha Cabrita” (RMB, 2º trim./08, p. 67).

Após a escolha do local da invasão pelos chefes aliados (Mitre, Tamandaré, Osório e Flores), decorrente de sugestão do Primeiro-Tenente Francisco José de Freitas, comandante da Canhoneira *Ipiranga*, as tropas brasileiras, lideradas por Osório, desembarcaram em solo paraguaio no dia **16 de abril de 1866**, na margem esquerda do Rio Paraguai, um pouco acima de sua foz; foi o primeiro Dia D da Guerra do Paraguai, ações descritas no artigo “A Marinha Imperial e o Dia D da Guerra do Paraguai” (RMB, 3º trim./08, p. 45).

Rumando para o sul e após para leste, acompanhando as margens dos rios Paraguai e Paraná, sucessivamente, as tropas aliadas venceram de roldão a pequena resistência inimiga e conquistaram as fortalezas de Itapiru, Paso de La Patria e Tuiuti (estas duas últimas já um pouco para o norte), e, após uma pequena pausa, conquistaram, a **2 de setembro de 1866**, a fortaleza de Curuzu, na margem esquerda do Paraguai, vizinha à grande fortaleza de Curupaiti e próxima à de Humaitá.

O alvo seguinte foi Curupaiti, última etapa antes de Humaitá – o primeiro grande objetivo estratégico aliado assumido pelos seus chefes.

Entretanto, a **22 de setembro de 1866**, os aliados, ao tentarem conquistar Curupaiti frontalmente, sofreram uma terrível derrota, um verdadeiro desastre com

mais de 4 mil baixas contra menos de 60 paraguaiaias!

A derrota exigiu um bom tempo para recuperação (surpreendentemente, dos dois lados), um período de dez meses, durante o qual aconteceu a epidemia de cólera que não dispensou nenhum dos litigantes, causando enormes baixas.

Nessa “trégua espontânea”, Caxias substituiu Mitre no comando-geral das forças aliadas (agora incluindo a Marinha Imperial) em **19 de novembro de 1866**, e Inhaúma substituiu Tamandaré em **22 de dezembro** daquele mesmo ano, alterações da mais alta importância para o desenrolar da guerra, pois, dali em diante, reinaria a paz e a amizade entre os aliados e entre as forças brasileiras.

Antes de sua retirada, Mitre estava convicto de que se a Marinha Imperial forças-se a passagem de Humaitá estaria facilitado o caminho de seus exércitos para conquistar aquela praça. Para isso deu ordens.

Inhaúma contra-argumentou que se não houvesse garantia de abastecimento dos navios que ultrapassassem Humaitá, eles passariam de bloqueadores a prisioneiros.

Mitre insistiu e argumentou: se a Esquadra lhe pertencesse, não vacilaria um instante em reiterá-la, até perderem-se, pelo menos, dois terços dos encouraçados, pois “se toda a esquadra se perdesse, ficaria bem perdida e só assim se provaria, com o único argumento concludente, ser a empresa humanamente impossível”.²

Após muitas outras insistências, finalmente Caxias deu ordem a Inhaúma para tentar os forçamentos de Curupaiti e Humaitá.

Inhaúma, com dez encouraçados, forçou com sucesso Curupaiti em **15 de agosto de 1867**; entretanto, em face da recente experiência e do esclarecimento feito por sua ordem que constatou a existência de correntes que atravessavam o Rio

MESOPOTÂMIA ARGENTINA



Rascunho feito pelo autor baseado em Fragoso vol. II, págs. 170/171

Paraguai, em Humaitá, Inhaúma não continuou sua movimentação.

Como consequência, Inhaúma ficou preso entre duas grandes fortalezas, sem abastecimento! Teve, então, de improvisar uma estrada através do Chaco que contornasse Curupaiti e assegurasse o abastecimento de seus encouraçados. Presos assim ficaram 16 meses! A “estrada naval” logo se tornou uma estrada de ferro, construída por marinheiros, garantindo satisfatoriamente a vida dos navios “prisioneiros”.

O artigo “Inhaúma e o forçamento de Curupaiti – a Marinha constrói uma estrada de ferro no Chaco” conta com algum detalhe essa passagem (RMB, 4º trim./08, p. 103).

Nessa situação, a “esquadra sitiada” de Inhaúma sofre um ataque surpreendente. Na noite de **1º para 2 de março de 1868**, 24 canoas com cerca de 12 homens cada, armados principalmente com sabres e levando granadas de mão e foguetes para lançá-los dentro dos encouraçados, abordam navios brasileiros.

Embora não pareça uma verdadeira ameaça, é bom lembrar que a borda-livre dos “ditos encouraçados” era de menos de 50 cm, portanto fácil era para os paraguaios pularem para dentro dos conveses dos navios brasileiros e imporem a sua superioridade numérica, vital naquela luta corpo-a-corpo.

Atos de heroísmo como o do Chefe-de-Divisão **Rodrigues da Costa** e do **Comandante Garcindo** marcaram a desesperada vitória brasileira, com todos os paraguaios repelidos.

O artigo “Os ataques das canoas paraguaias aos encouraçados fluviais bra-

sileiros” (RMB 1º trim./08, p. 99 a 112) apresenta alguns detalhes.*

Uma vez constatado que o ataque frontal a fortalezas era um verdadeiro suicídio, Caxias (agora já tendo substituído Mitre como comandante de todas as forças aliadas) optou pela sua célebre Marcha de Flanco, em que as tropas brasileiras seguiriam para o norte pelo interior e, após passarem o paralelo de Humaitá, alcançariam as margens do Rio Paraguai e dali voltariam para o sul e a tomariam de assalto pela retaguarda – seu ponto fraco. A marcha teve início a **22 de julho de 1867** e, depois de diversos combates, chegou a Taií, à margem do Rio Paraguai, a cerca de 60 quilômetros acima de Humaitá, a **2 de novembro de 1867**.

Assegurado o seu abastecimento acima de Humaitá, seis navios forçaram com sucesso a fortaleza (até então considerada por todos como inexpugnável) em **19 de fevereiro de 1868**, completando o cerco ao bastião paraguaio, que, sufocado pelo bloqueio, foi abandonado a **25 de julho** (ver “Humaitá – 140 anos” na RMB 4º trim./07, p. 24).

Nos seis meses que decorreram entre a chegada de Caxias a Taií e a ocupação de Humaitá, López seguiu a mesma ideia de Caxias para abastecer aquela sua principal fortaleza: contornar o Rio Paraguai entre Humaitá e Taií por uma rota (por terra e por rios e lagoas) em área do Chaco.

A sua presença foi combatida por tropas que também desembarcaram na margem direita, dando origem ao que denominei “guerra das canoas”, a ser contada em artigo em próxima RMB, combates travados corpo a corpo com arma branca, em

* N.A.: Mais tarde, após a queda de Humaitá, na noite de 9 para 10 de julho de 1868, o Encouraçado *Barroso* e o Monitor *Rio Grande* sofreram mais um ataque das canoas paraguaias quando fundeados um pouco acima de Taií. Novamente os paraguaios são vencidos, e a liderança de Jaceguai mais uma vez esteve presente. Anteriormente, durante o forçamento de Humaitá (19/2/1868), o *Alagoas* foi alvo de um furioso ataque de canoas paraguaias (veja “Humaitá – 140 anos” na RMB 4º trim./07, p. 24).

De CORRIENTES a ASSUNÇÃO



plena escuridão da noite, em que tenentes da Marinha participaram como verdadeiros heróis. Mais tarde, alguns desses oficiais se notabilizaram na história dos primeiros dias da República.

Vencida Humaitá, as tropas brasileiras, então, puseram-se rumo ao norte, encontrando pequena resistência na ultrapassagem do Rio Tebicuarí, que foi vencido a 1ª

de setembro de 1868, onde os navios desafiaram inúmeras vezes as fortificações existentes na sua foz, passando tão próximo à terra que “um pedaço da chapa do *Bahia* de 10 polegadas de espessura, arrancada pelo nosso tiro [paraguaio], foi recolhida em terra junto aos canhões³.” (Thompson)

O próximo obstáculo era a poderosa linha Angustura-Pikisiri-Lombas Valentina. A lição

de Curupaiti tinha sido aprendida, e Caxias mais uma vez decidiu contornar a posição forte, só que desta vez desenvolvendo pela sua esquerda, isto é, pela margem direita do Rio Paraguai, pelo “intransponível” Chaco.

Essa operação exigiu que todo um exército fosse transportado através do Rio Paraguai, para o Chaco, fosse deslocado até acima de Angustura e de lá outra vez transportado pela Marinha Imperial para a margem esquerda até as Barrancas de Santo Antônio, em um segundo Dia D da Guerra do Paraguai, assunto deste artigo.*

A CONCENTRAÇÃO EM PALMAS

Vimos que, terminada a passagem de Tebicuari, o exército de Caxias iniciou seu deslocamento para o norte a **8 de setembro de 1868**. Partiu de San Fernando, no Tebicuari, e continuou pela margem esquerda e próximo do Rio Paraguai.

No **dia 24**, as tropas brasileiras chegaram à área de Palmas; a Esquadra e os transportes às proximidades de Mercedes, um pouco abaixo. Encontravam-se ali três corpos do Exército, isto é, mais de 19 mil homens, mais de mil cavalos e cerca de 400 artilheiros, com seus canhões e todos os apetrechos próprios de um exército em deslocamento.

OS ESCLARECIMENTOS DO EXÉRCITO E DA MARINHA IMPERIAL

Após a chegada a Palmas, era natural que Caxias continuasse a sua marcha para o norte enfrentando a linha Angustura-Pikisiri-Lombas Valentina. Para medir a força do inimigo, determinou inúmeros esclarecimentos.

No dia **28 de setembro de 1868**, aconteceu o primeiro desses esclarecimentos/reconhecimentos, que foi feito por terra e pela Esquadra; no **dia 29**, Caxias e Inhaúma pessoalmente subiram o rio e reconheceram as defesas de Angustura, enquanto os encouraçados bombardeavam as fortificações inimigas, sem resposta.

No dia **1º de outubro**, Caxias determinou um reconhecimento mais completo. Todos os seus exércitos e a Esquadra nele tomaram parte. Pela observação de Caxias, a travessia do Arroio Pikisiri “só seria exequível mediante uma ponte que teria de ser feita sob o fogo inimigo”⁴. (Diário de Caxias)

“Sua artilharia joga a metralha da posição superior em que está colocada sobre a margem do mesmo arroio... com 12 bocas de fogo, sendo algumas de grosso calibre”⁵. (Parte de Osório)

Em conclusão: o ataque frontal da linha Angustura-Pikisiri não era recomendável.

Para esse reconhecimento, a Esquadra teria que forçar Angustura e “proceder a um reconhecimento rio acima até Assunção e conservar-se à retaguarda da posição inimiga [Angustura], onde aguardaria segunda ordem”⁶. (Jaceguai)

Na madrugada do dia **1º de outubro**, o chefe Delfim Carlos de Carvalho, o Barão da Passagem, com os encouraçados *Bahia*, *Barroso*, *Silvado* e *Tamandaré*, forçou Angustura com êxito.

No dia seguinte, fundearam em frente a Vileta, surpreendendo os habitantes incrédulos ao ver navios inimigos atrás de suas linhas.

Na manhã do **dia 5**, os navios suspenderam de Vileta com destino a Assunção. Infe-

* N.A. De Santo Antônio para o sul, aconteceram as batalhas de Itororó (6-12-1868), Avaí (11-12-1868) e, posteriormente, Lombas Valentina (21, 25 e 27-12-1868), a tomada de Pisikiri (21-12-1868) e a rendição de Angustura (30-12-1868). Finalmente, o caminho estava aberto para Assunção, onde Caxias entrou, encontrando uma cidade abandonada, a 1º de janeiro de 1869. Mas ainda restaria mais de um ano de guerra – a Campanha da Cordilheira – até que López fosse morto por um lanceiro brasileiro em Cerro Corá, a 1º de março de 1870.

De TIMBÓ até B. de S^{to} ANTÔNIO

Rascunho feito pelo autor baseado no mapa de Fragoso vol. IV, págs. 8/9



lizmente, o *Bahia* encalhou em frente às Barrancas de Santo Antônio de 10 às 13 horas. Como o rio baixava muito rapidamente, o Barão da Passagem resolveu voltar, fundeando um pouco acima de Angustura.

Enquanto o Barão da Passagem forçava Angustura, os monitores *Ceará*, *Piauí* e *Rio Grande* e os encouraçados *Cabral* e *Colombo*, de posições favoráveis, bombardeavam as baterias de Angustura. O Almirante Inhaúma, a bordo da *Belmonte*, fundeou junto ao *Cabral* e ao *Colombo*, “de onde seus vigias, colocados nos mastros, viam distintamente... todos os movimentos de nossa força assaltante [do reconhecimento]”.⁷ (Parte de Inhaúma)

No **dia 8**, o Barão da Passagem enviou o *Silvado* até Inhaúma para prestar contas do ocorrido no dia primeiro. Para isso, o *Silvado* forçou Angustura rio abaixo, com êxito, mais uma vez; **a 10**, o Encouraçado *Lima Barros* e o Monitor *Alagoas* forçaram Angustura rio acima e juntaram-se aos navios do Barão da Passagem; no **dia 15**, os Encouraçados *Brasil* e *Silvado* (este pela terceira vez) e os monitores *Ceará*, *Pará* e *Rio Grande* forçaram com êxito Angustura e juntaram-se ao Barão da Passagem, que passou a dispor, acima de Angustura, de seis encouraçados e quatro monitores.

Depois desses inúmeros forçamentos, enfrentar as baterias de Angustura passou a ser rotina.

A ESTRADA BRASILEIRA DO CHACO

Para contornar Angustura, como já vimos, Caxias optou passar pela margem direita do Rio Paraguai, em pleno Chaco, considerada região intransitável. A rota inicia-

va por uma estrada que se prolongava pelo Rio Valeta (uma bela estrada natural de mais da metade do comprimento total) até sua foz no Rio Paraguai.

As dificuldades para a sua construção eram muitas, que Argolo*, com seus 2 mil homens, soube vencer: a cada lagoa, rio ou arroio, fazia-se necessário construir pontes, e quando a umidade do terreno era demasiada, outra necessidade era “pavimentar” as estradas. Foram muitas as pontes, inclusive algumas de mais de 40 metros de comprimento sobre três de profundidade, e a pavimentação exigiu 18 mil pedaços de troncos de 6 mil palmeiras carandá, para cobrir 2.930 metros!

Se isso não bastasse, os paraguaios estavam sempre prontos a importunar, tendo havido inclusive algumas escaramuças.

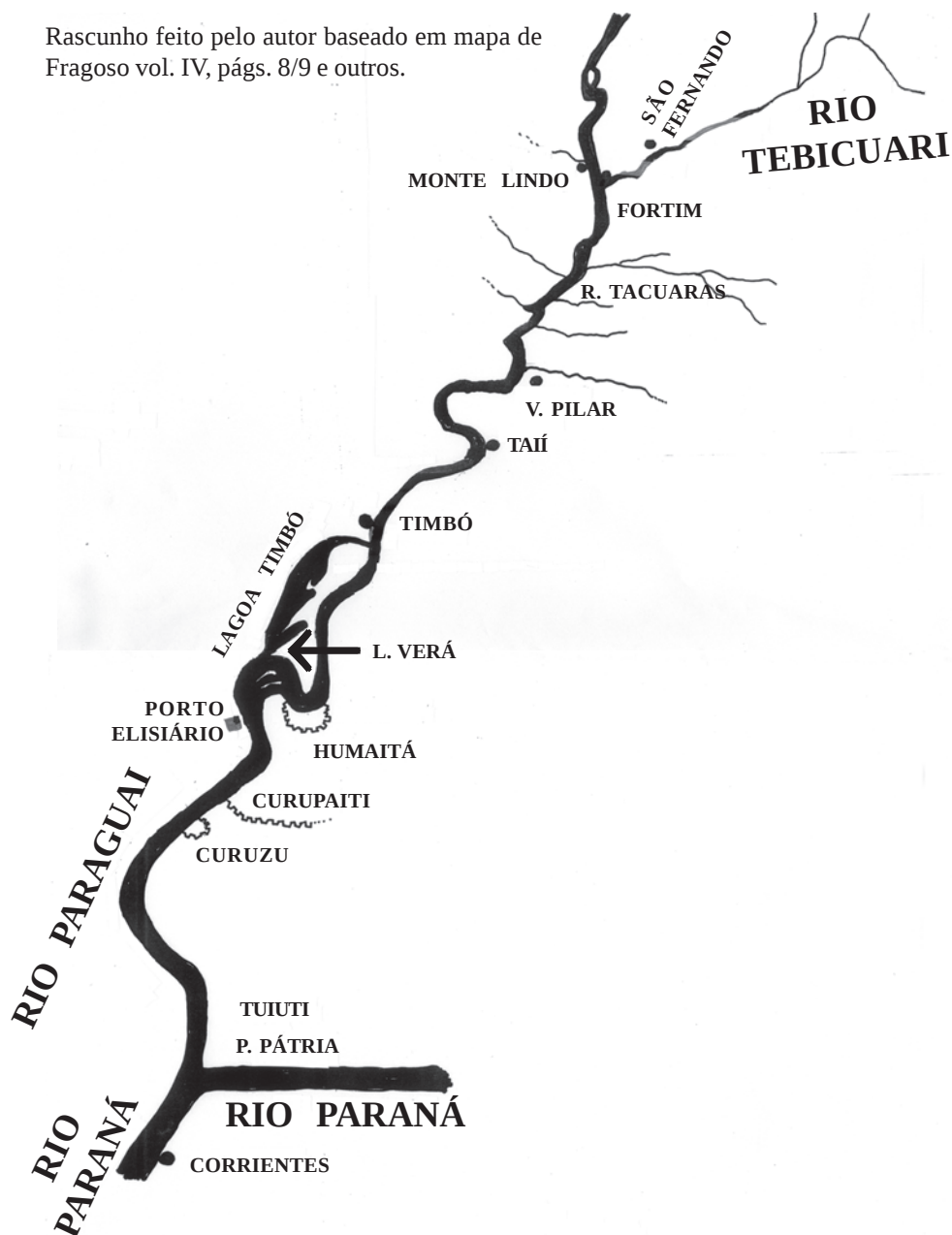
Por fim, o Rio Vileta tinha a sua foz totalmente fechada, tal o acúmulo de aguapés. Somente a inventiva dos ponteiros do Exército conseguiu abrir “canais”, possibilitando a navegação.

O General Dionísio Cerqueira, então alferes, nos dá uma ideia, em sua obra, da agressividade do terreno. “Desembarcados [o pessoal de Argolo, da construção] num barranco lamacento, coberto de capim, morada preferida das capivaras... [na orla da floresta] o chão, excessivamente úmido, era matizado de montículos de gravetos e folhas podres... Nos galhos das árvores, víamos, muitos metros acima de nossas cabeças, pedaços de pau, raízes e chamiços enganchados, marcando com a ciscalhagem das enchentes o limite das grandes águas. Sentia-se um cheiro indescritível de mofo, de lama de todos aqueles detritos putrefatos, que nos cercavam por toda a parte e corrompiam o ar que respirávamos, principalmente à noite... dormindo à flor do solo...”⁸

* N.A.: General Alexandre Gomes de Argolo Ferrão, Visconde de Itaparica, além de corajoso chefe em combate, era incomparável administrador, com trabalhos notáveis na prontificação de Curuzu e Tuiuti como fortalezas.

De CORRIENTES até TEBICUARI

Rascunho feito pelo autor baseado em mapa de Fragoso vol. IV, págs. 8/9 e outros.



E este caminho de 10 km foi inaugurado em **27 de outubro de 1868**, após somente 23 dias de trabalho, graças à liderança e ao talento de administração do General Argolo. E pelo caminho do Chaco passaram aqueles 20 e tantos mil homens, além dos suprimentos para os alimentarem enquanto permaneceram no Chaco aguardando o momento oportuno para o segundo Dia D da Guerra do Paraguai.

MAIS ESCLARECIMENTOS DE PIKISIRI E ANGUSTURA

Durante a construção da estrada, os conhecimentos a Pikisiri e Angustura não foram interrompidos, pois a intenção de Caxias com tais movimentações era de “manter López em sobressalto, de inteirar-se do que ele fazia, de aferrá-lo bem pela frente e de distrair-lhe a atenção do que se passava na outra margem”.⁹

No dia **17 de outubro**, foi feito um reconhecimento por infantaria e cavalaria; no **dia 23**, o Monitor *Rio Grande* aproximou-se das baterias de Angustura até 250 a 400 metros; no **dia 28**, o esclarecimento foi feito por forças terrestres apoiadas pelos encouraçados *Cabral* e *Mariz e Barros* e pelo Monitor *Piauí* (o primeiro recebeu quatro impactos); no dia **2 de novembro**, outro esclarecimento por uma brigada de cavalaria.

O DESEMBARQUE NAS BARRANCAS DE SANTO ANTÔNIO

Uma vez definido por Caxias o local do desembarque em **1º de dezembro** (barrancas de Santo Antônio), e estando as tropas pron-

tas e reunidas na área da foz do Vileta, no Chaco, restava definir o Dia D: **5 de dezembro de 1868**.

Em linhas gerais, a infantaria e a artilharia embarcariam na foz do Vileta em navios de guerra e se deslocariam rio acima até Santo Antônio, onde desembarcariam. Após deixar em terra a primeira leva, os navios (exceto três) retornariam para a foz do Vileta e repetiriam a faina até que toda a tropa tivesse posto os pés na margem esquerda, até então dominada pelos paraguaios.

A cavalaria deslocar-se-ia pelo Chaco até a barranca de Santa Helena, um pouco abaixo de Santo Antônio; de lá seria transportada nos três navios que não voltaram para a foz do Vileta, atravessariam o rio e desembarcariam nas mesmas barrancas de Santo Antônio. A faina seria repetida até que todos os cavalos tivessem atravessado o rio.

Os pertences e demais materiais seguiriam do mesmo modo, após terminada a faina da tropa.

Assim vislumbrei o desembarque.*

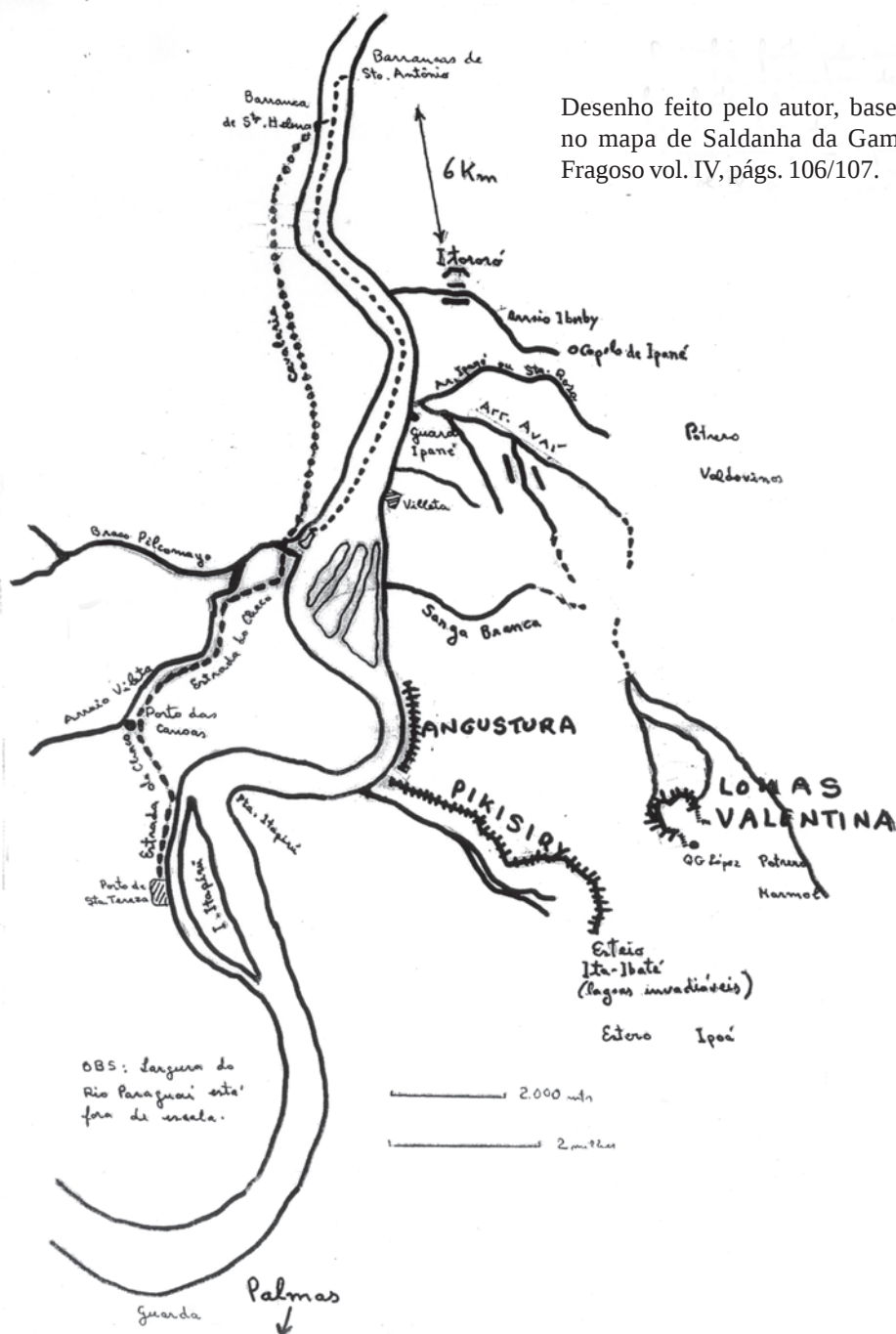
Com a devida antecedência:

- os encouraçados *Bahia*, *Silvado*, *Lima Barros* e *Brasil* aproximaram-se o mais que puderam da margem direita entrando as espigas que tinham passadas para terra quando fundeados. Conseguiram atracar à barranca;
- no espaço existente entre o *Bahia* e o *Silvado*, os monitores *Ceará*, *Piauí* e *Rio Grande* atracaram à barranca;
- o encouraçado *Cabral* também atracou à barranca logo após os monitores**;
- os monitores *Pará* e *Alagoas* bombardearam Vileta continuamente;
- os encouraçados *Tamandaré* e *Barroso* bombardearam Vileta a princípio, mas depois foram atracar a contrabordo, res-

* N.A.: Baseado nas instruções de 2 de dezembro de Inhaúma aos seus comandos e no ofício do mesmo Inhaúma ao ministro da Marinha (Barão de Catéipe), datado do dia 3 de dezembro (in Fragoso v. IV, p. 60 e 61).

** N.A.: Há discrepância entre os dois documentos quanto à posição do *Cabral*, porém sem consequência para a visão geral do embarque.

Desenho feito pelo autor, baseado no mapa de Saldanha da Gama – Fragoso vol. IV, págs. 106/107.



pectivamente, dos encouraçados *Silvado* e *Lima Barros*, para receber suas tropas.

Assim definiu Inhaúma a capacidade de transporte de cada navio (“nada menos que o definido, porém para mais se tiver acomodações”¹⁰): *Tamandaré*, 600 homens; *Bahia* e *Barroso*, 800 cada; *Silvado*, *Cabral* e *Brasil*, mil cada; *Lima Barros*, 1.500; os monitores, as guarnições de artilharia.

O total para cada viagem chegava a 6.700 homens.

Havia também muitos escaleres e chalanas dos navios da Esquadra que foram levados a contrabordo de seus navios.

Cada navio teve um oficial para controlar suas embarcações. O Comandante José **Costa Azevedo** ficou responsável pelo transporte da cavalaria e o **Barão da Passagem**, da tropa.

Interessante notar um detalhe dado por Inhaúma nas suas instruções: “O silêncio [nas fainas] que o regimento provisional determina é muito e muito recomendado. Exige sangue frio e ordem”.¹¹

Às 20h30 do dia **4 de dezembro**, teve início o embarque da tropa na foz do Vileta, e já às 2h20 da madrugada do **dia 5** os navios estavam suspendendo e rumando rio acima para Santo Antônio, onde chegaram duas horas mais tarde.

A ordem de marcha foi a seguinte: *Tamandaré*, *Barroso*, *Bahia*, *Silvado*, *Cabral*, *Lima Barros*, *Brasil* e os três monitores.

No ponto do desembarque, os navios conseguiram atracar à barranca, “o *Tamandaré*, o *Barroso*, o *Bahia* e o *Silvado* atracados uns aos outros com cabos. O *Cabral*, o *Lima Barros* e o *Brasil* formaram uma outra coluna [linha] e atracados pela mesma forma”.¹² (Instruções de Inhaúma)

Às 7 horas já se encontravam em terra 8 mil homens, dez bocas de fogo e respectivo

material. Ao pôr-do-sol, o total se elevava a cerca de 17 mil praças, dos quais cerca de mil da cavalaria, com seus respectivos cavalos.*

E tudo isso “sem que um só soldado se tivesse molestado e sem a menor oposição por parte do inimigo”.^{**13}

“Às 14 horas, Caxias embarcou com Osório no *Bahia* e subiram o rio juntamente com o seu estado-maior e o do 3º Corpo. Às 16 horas, chegaram a Santo Antônio. Foi logo inspecionar as tropas que já haviam desembarcado; encontrou-as escalonadas ao longo da estrada [que levava a Vileta].”¹⁴(Fragoso)

A faina continuou pelos **dias 6, 7, 8 e 9**.

Concluído o desembarque, os encouraçados *Brasil* e *Lima Barros* tomaram posição para proteger a cabeça-de-praia aliada.

O Visconde de Ouro Preto incluiu em seus escritos um importante elogio: “O modo como foi desempenhado esse serviço [o desembarque], sem um abaloamento, sem um sinistro, sem a perda de uma só embarcação miúda, sem o ferimento ou a morte de uma praça sequer, e tudo isso com verdadeira surpresa para o inimigo, faz honra à perícia de quem o dirigiu e o executou. Pode o Brasil orgulhar-se da sua Marinha de Guerra, tanto pelo valor nos combates como pela superioridade profissional na satisfação dos vários e difíceis encargos que a guerra exigia”.¹⁵

De Santo Antônio, Caxias seguiu para o sul. Até a conquista de Angustura os paraguaios se interpuseram em Itororó, Avaí, Pikisiri e Lombas Valentina.

O REAPROVISIONAMENTO APÓS ITORORÓ

Mas a participação da Marinha Imperial não cessou aí.

* N.A.: Na realidade, 18.667 e 926, respectivamente. (Fragoso v.IV, p. 63)

** N.A.: Fragoso v IV, p. 62 registra: “Os primeiros elementos que puseram pé na margem esquerda só encontraram pequenas partidas inimigas, que facilmente rechaçaram, fazendo alguns prisioneiros”.

Após a Batalha de Itororó – uma vitória brasileira bastante custosa –, o exército de Caxias necessitava imediatamente de reaprovisionamento, o que foi feito pelos navios de guerra.*

Por esta causa, Caxias, após a Batalha de Itororó, ao invés de seguir para o sul, rumo a Vileta, dirigiu-se no dia **9 de dezembro** para sudoeste, rumo ao pequeno porto de Guarda de Ipané, à margem esquerda do Rio Paraguai.

Ao meio-dia, a vanguarda do exército chegou às margens do Rio Paraguai e lá já encontrou os navios da esquadra com os tão necessitados víveres, munição e cavalaria.

A faina iniciou-se imediatamente e continuou durante toda a noite de **9 para 10** e todo o dia e noite **de 10**. A faina estava terminada, cessado o vaivém dos navios atravessando o rio.

Passaram do Chaco para Guarda de Ipané um regimento e dois esquadrões de cavalaria; “no **dia 10**, víveres para três dias, cem tiros por boca de fogo e 120 por praça de infantaria e como reserva cem cargueiros para o 1º Corpo, cem para o 3º e 200 para o 2º. Quase toda essa munição e os víveres tinham desembarcado em Ipané”.¹⁶ (Tenente-Coronel Rufino Enéas Galvão)

Tudo estava pronto no **dia 11** para os exércitos marcharem para o sul a fim de conquistar Vileta. Mas os paraguaios iriam se antepor em campo aberto travando a Batalha de Avaí, da qual saíram completamente derrotados e Vileta conquistada.

O REAPROVISIONAMENTO APÓS AVAÍ

“Pouco depois da Batalha de Avaí, começaram a afluir inimigos que erravam dispersos; também se apresentaram grande número de mulheres e famílias que andavam extraviadas pelos matos e pelos campos.”¹⁷(Fragoso)

Se o problema da alimentação já existia, imagine com esses civis paraguaios chegando!

Caxias, então, determinou que a Esquadra efetuasse o reaprovisionamento necessário.

Os encouraçados *Silvado* e *Lima Barros* (Capitão-de-Fragata Costa Azevedo e Capitão-de-Fragata Joaquim de Abreu) desceram, então, o Rio Paraguai na noite de **16 para 17 de dezembro de 1868** e forçaram Angustura. Mesmo sendo noite, sofreram fogo intenso. O *Lima Barros* teve uma praça morta e duas feridas.

Em Palmas, os navios receberam víveres para 15 dias para o Exército e combustível para os navios.

No **dia 19**, suspenderam e seguiram águas acima; o *Silvado* e o *Lima Barros* novamente forçaram Angustura, desta vez em pleno dia, às 6h30. O *Lima Barros* levava a contrabordo uma grande chata repleta de mantimentos. Na passagem, este navio recebeu 27 impactos; o *Silvado*, 14, tendo duas praças feridas.

Assim, com seu reaprovisionamento atendido, os exércitos de Caxias estavam prontos para uma nova etapa, vencida galhardamente e com muito sacrifício pelos brasileiros: Pikisiri, Lomas Valentina e Angustura.

📁 CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:

<GUERRA>; Guerra do Paraguai; Invasão nas barrancas de Santo Antônio; Estrada brasileira do Chaco; Azevedo, José Costa (CF); Passagem, Barão da; Reaprovisionamento pela Marinha;

* N.A.: Dionísio registra: “Nesse dia [Batalha de Itororó] e no seguinte, todo aquele exército de milheiros de homens esteve à mingua de víveres. Havia, felizmente, milharais perto, e, desde o general até o último corneta, não houve talvez um só que não se regalasse com uma espiga”. (in Fragoso v. IV, p.75)

NOTAS

1. López in Fragoso, Augusto Tasso. “História da guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai”, 1934 v. I, p. 199.
2. “Memória” de Mitre in Fragoso, ib. v. III, p. 254.
3. Thomson, George. *La Guerra del Paraguay*, Buenos Aires, p. 182.
4. Diário de Caxias in Fragoso, ib, v. IV, p. 37.
5. Parte de Osório in Fragoso, ib., v. IV, p. 37.
6. Jaceguai in Fragoso, ib, v. IV, p. 39.
7. Parte de Inhaúma in Fragoso, ib, v. IV, p. 39.
8. Dionísio Cerqueira in Fragoso, ib, v. IV, p. 43.
9. Fragoso, ib., v. IV, p. 48.
10. Inhaúma in Fragoso, ib, v. IV, p. 61.
11. ib, ib.
12. ib, ib, v. IV, p. 60 e 61.
13. Ouro Preto in Fragoso, ib, v. IV, p. 62.
14. Fragoso, ib, v. IV, p. 62 e 63.
15. Ouro Preto in Fragoso, ib, v. IV, p. 62.
16. TC Rufino Enéas Galvão in Fragoso, ib v. IV, p. 93.
17. Fragoso, ib, v. IV, 98.

BIBLIOGRAFIA

- (1) BITTENCOURT, Armando de Senna (Vice-Almirante – R1). “Visitando Riachuelo e revendo controvérsias 132 anos depois”. *Revista Marítima Brasileira*, 3º trim./1997, p. 41 a 58.
- (2) FRAGOSO, Augusto Tasso (General-de-Divisão). *História da Guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai*, Rio de Janeiro, Brasil: Imprensa do Estado-Maior do Exército, 1934 (5 volumes com 1.873 páginas).
- (3) FROTA, Guilherme de Andrea e LIMA, Marcos Vinicius Ribeiro de. *Diário Pessoal do Almirante Visconde de Inhaúma durante a Guerra da Tríplice Aliança*. Editado por Guilherme de Andrea Frota, Rio de Janeiro, 10/2008.
- (4) MARTINS, Helio Leoncio (Vice-Almirante – R1). “A estratégia naval brasileira na Guerra do Paraguai”. *Revista Marítima Brasileira*, 3º trim./1997, p. 59 a 88.
- (5) THOMPSON, George. *La Guerra del Paraguay*, Assuncion, Paraguay: [s.n.], 1869 (1ª edição em Buenos Aires) (260 páginas).